

Memória na Alemanha atual

Sylvia Ewel Lenz¹

Desde a Unidade Alemã a historiografia sobre o pós-guerra também tem sido escrita a partir da experiência dos civis, no cotidiano dos bombardeios, das fugas e expulsões do leste alemão. Finalmente, gente daquela época pode partilhar o sofrimento, apesar da culpa por crimes de guerra que é mantida sobre os alemães. Há fóruns de debate, lembranças compartilhadas na internet, memórias publicadas, entrevistas concedidas.

Palavras-chave: Segunda Guerra - pós-1945 - cotidiano

German Memory nowadays

Since German Unity post-war historiography has also been written according to civil people's experience, on the daily life during and after war, under continuous and strong bombing of the cities and expulsion from East German. Finally, those people who are still alive and their children can speak about their suffer thought guiltiness maintained over the Germans. There are forums for discussions, writings published in internet, memories in books and interviews.

Key-words: II WW - after 1945 - daily life

Artigo recebido em 17/09/2012 e aprovado em 15/02/2013.

Nação cindida, Estado reunificado

A vida inteira sentia-me culpado por crimes que não cometi.

Jörg Friedrich

Em 1989, a Queda do Muro marcou mais do que o fim das tensões entre blocos, o soviético e o capitalista e da Guerra Fria. Quando antigos países satélites de Moscou se voltaram para a Europa Ocidental e a URSS ruiu, teóricos como o americano Fukuyama anunciaram o fim da História com o fracasso socialismo e hegemonia econômica e militar dos Estados Unidos. No entanto o socialismo foi um credo ocidental adaptado pelos bolcheviques em 1917 enquanto Stálin impôs o regime totalitário, sob terror da polícia política, com trabalho forçado de “burgueses”, dissidentes políticos e prisioneiros de guerra para industrializar o país e ter como enfrentar intervenções ocidentais.

A Alemanha, após redução territorial a leste durante quatro anos fora ocupada por tropas e dirigentes aliados que a dividiram em zonas - americana, britânica, francesa e soviética. Em função de investimentos americanos, em 1949 os aliados ocidentais autorizaram a fundação da República Federal da Alemanha e a seguir Moscou mandou os comunistas alemães fundarem a República Democrática Alemã. Uma nação, dois Estados, duas ideologias, e a gradual separação de famílias, parentes, amigos e até namorados. Nos anos seguintes, diante da emigração em massa de alemães orientais para a Alemanha Ocidental em busca de melhores salários e da liberdade, o governo da RDA reforçou o controle nas fronteiras, a ponto de em agosto de 1961, da noite para o dia, enviar as forças armadas e a polícia para erguerem a cerca em torno de Berlim da zona ocidental de modo que:

A mais longa fortificação do mundo (excluindo a desguarnecida muralha da China) é uma monstruosidade que serpenteia por 1.338 km, através do coração da Alemanha, desde a Baía de Lübeck, no Norte, até a fronteira Tcheca a sudeste de Hof, na Baviera. Composta de cercas de arame farpado e tela, campos minados, valas para impedir a passagem dos tanques, casamatas e torres de vigia, esta barreira quase intransponível dividiu comunidades centenárias e bloqueou 32 ferrovias, três *Autobahnen* (autopistas), 31 rodovias, 80 estradas primárias e cerca de 60 secundárias e centenas de estradas vicinais. Além disso, fendeu a grande nação alemã, obrigando seus 78 milhões de habitantes a se dividirem entre dois Estados: a República Federal da Alemanha, a oeste, e a República Democrática Alemã, a leste.¹¹

Autoridades do leste alemão cercaram Berlim Ocidental como se para proteger-se contra o cisto capitalista situado em território que era domínio ideológico e satélite soviético, a República Democrática Alemã ou Alemanha Oriental. Mal saídos do regime nazista, os alemães passaram a outro regime totalitário, dito socialista tão logo o Estado foi fundado, em 1949. No ano seguinte, agentes do Ministério de Segurança do Estado - STASI agiam com perfeição técnica e investigavam com requintes sórdidos, enquanto no leste europeu a desilusão com os comunistas já vinha desde meados de 1950: a revelação do regime de terror imposto por Stalin ao povo russo que condenou mais de 20 milhões de pessoas a trabalhos forçados e “reeducação” nos Gulag (fora o genocídio de sete milhões camponeses ucranianos em 1933). E mediante uso serviços de informação e técnicas de tortura, conforme previsto pelo arquiteto de Hitler acerca da tecnologia:

Albert Speer disse que foi o uso de “tecnologia moderna” pelo regime nazista (ele se referiu ao uso de rádio, do telex e do telefone então) que tornou possível a “recepção incontestada de ordens”. Interessante o fato dele haver terminado seu discurso com palavras que acabaram se mostrando quase proféticas: “O problema é

que, algum dia o mundo pode ser dominado por avanços na tecnologia; quanto mais técnico o mundo se torna, mais necessário o apelo pela liberdade individual e a consciência da responsabilidade pessoal”. Apesar dos modernos meios de comunicação e da presença de jornalistas e câmeras de TV em toda parte, não apenas temos muito pouca idéia do que está acontecendo no seio de governos - ou, talvez, nas mentes dos chefes de governo (...) ou planejado pelos departamentos secretos de governos muito mais familiares para nós, tais como os dos Estados Unidos, da Rússia, da França e da Grã Bretanha.^{III}

Do outro lado da Cortina de Ferro, muitos se desiludiam e se desvinculavam do partido acrecido pelo fato de que a economia da Europa Ocidental vivia o “milagre econômico” com pleno emprego e trabalhadores eram bem pagos. Mais intervenções, soviética na capital húngara, na Primavera de Praga, 1968, e americana na brutal Guerra do Vietnã, fomentaram revoltas estudantis contra a repressão de Moscou sobre o leste europeu e o militarismo dos EUA mundo afora. Desde a década de 1970 a URSS era um elefante branco, gigantesca, cuja economia caótica deixava o povo ainda mais insatisfeito com a falta de produtos nas prateleiras e a incompetência estatal.

Mas os povos do leste europeu sublevaram-se; em 1980 o sindicato dos portuários na Polônia, *Solidarnosc* apoiado pelo papa polonês João Paulo II que intercedeu a seu favor contestava o controle de Moscou. Mais tarde houve dissensões nos países bálticos - Estônia, Letônia e Lituânia que declararam a sua autonomia em relação a URSS. A abertura da fronteira austro-húngara que provocaram a fuga de milhares de alemães orientais que lotaram a Embaixada da RFA em Praga, capital da então Tchecoslováquia. Vídeos no *Youtube* revelam a fuga desta gente que deixou tudo para trás, inclusive veículos para fugir a pé pela fronteira finalmente aberta.

A súbita e inesperada abertura da fronteira interna alemã deu-se logo após uma declaração casual de uma autoridade da RDA para emissoras ocidentais: de que não seria mais necessário ter visto de saída para visitar Berlim Ocidental. Então, centenas de berlinenses da Zona Oriental rumaram para o controle de fronteiras, cujos guardas sequer haviam recebido a nova ordem, mas que, diante de tantos cidadãos, levantaram as barreiras. Era noite fria de outono quando os alemães orientais passavam, a pé, de bicicleta ou de carro, pela fronteira subitamente aberta.

Do lado ocidental, foram recebidos sob aplausos, beijos e abraços, brindados com champanha, vinho e cerveja! Outros subiram o muro, jovens, velhos e crianças, armados de ferramentas, começaram a quebrar 160 km da infame muralha. Era o fim simbólico da “Cortina de Ferro” que em décadas dividiu a Europa desde a fronteira Finlândia-URSS, no Mar Ártico, passava dentro da Alemanha e isolou os países do leste da Europa ocidental, até a Bulgária. Também significou o fim do silêncio dos vencidos cuja memória gradualmente tem sido registrada, por narrativas escritas ou audiovisuais publicadas em livros, documentários, além de debates em fóruns virtuais bem realistas.

No entanto, novas muralhas foram erguidas como na fronteira entre os Estados Unidos e o México; a gigantesca barreira de concreto construída pelos israelenses para isolar palestinos, nos muros de condomínio fechados, muitos construídos ao lado de favelas, nas capitais brasileiras... Ainda há muitas barreiras mentais, de dogmatismos e das guerras ideologias que escamoteiam interesses econômicos.

Memória dos vencidos

A culpa coletiva imputada ao povo alemão (mas não austríaco) pelos dos aliados legou seqüelas psíquicas lá como também entre seus descendentes no exterior. E somente no século XXI, após a consolidação da Unidade Alemã é que a história da Alemanha pode ser escrita do ponto de vista dos vencidos e de civis inclusive por autores estrangeiros. Afinal,

durante a Guerra Fria a nação fora cindida em dois Estados nem tão soberanos assim, cada qual refém de dogmas políticos e econômicos. Por um lado, a Ocidental dependia do mercado aberto pelos EUA que investiu na economia pós-guerra com o Plano Marshall, em 1948.

Os alemães ocidentais, após a formação da República Federal da Alemanha, foram convocados a entrar no pacto militar da OTAN. Na Zona de Ocupação Soviética, Moscou mandou o partido comunista único - SED - fundar a República Democrática Alemã, que por sua vez entrou para o Pacto de Varsóvia... Nenhum dos Estados alemães era de fato soberano e seus cidadãos pouca liberdade para lidar com os traumas da guerra e de pós-guerra, pois estavam no cerne de um conflito bipolar: a Guerra Fria. No entanto, após o julgamento em forma de espetáculo midiático de Eichmann, realizado em Jerusalém (1961-62) começaram os tribunais alemães contra criminosos de guerra. Não obstante, sequer a RDA, Áustria nem os países colaboradores do anti-semitismo, como parte de poloneses, franceses, italianos, entre outros pagaram indenizações a judeu-alemães e a Israel, somente a RFA A culpabilidade, uma herança judaico-cristã reforçada na confissão luterana, aumentou entre os alemães e se estendeu aos descendentes, inclusive do exterior e:

Contrariamente à crença popular no exterior, os alemães estão tomados de impotentes sentimentos de culpa. Eles formam uma nação dividida não apenas geograficamente, mas também em sua própria história e em grupos etários bem definidos, cada um com uma visão do passado e do presente, totalmente diferente da do outro, embora, fundamentalmente, evasiva. O sentimento de culpa daquela nação- em nada resolvido - tornou-se seu trauma.^{IV}

Ora, como pesquisadores alemães poderiam abordar a violenta expulsão de milhões de alemães do leste, imposto por tchecos e eslovacos sob a anuência do Exército Vermelho? Como denunciariam o terror vivido pelas mulheres consecutivamente estupradas principalmente pela soldadesca soviética? E mesmo durante a ocupação dos aliados ocidentais, a violência impetrada contra os civis não foi menor. Mas com a reunificação negociada e finalmente aceita pelos quatro aliados vencedores no Tratado de Paris, acordada em 1990 findava oficialmente a Segunda Guerra e sua continuação, a Guerra Fria seguida pela extinção da URSS.

Desde então a historiografia alemã e dos antigos países satélites do império soviético passou a abordar a versão das pessoas comuns, dos civis, principalmente mulheres e crianças, dissidentes políticos e prisioneiros de guerra. Ainda que tarde, ainda em tempo de resgatar a memória desta gente, silenciada durante governos fascistas, e depois comunistas. Pela primeira vez após décadas de silêncio, austríacos, alemães, húngaros, baltas e inclusive russos, passam a ter voz, inclusive com entrevistas filmadas. Assim, indivíduo ganha voz, é ouvido e visto graças à mídia áudio-visual, além da facilidade de editar e produzir material publicado no *Youtube*: prisioneiros de guerra alemães, mulheres dos escombros que limpavam as cidades de bilhões de metros cúbicos de entulhos decorrentes dos bombardeios, as que sofreram violência sexual, não só pelos soviéticos, mas também pelas tropas coloniais de franceses, como marroquinos ou de afro-americanos da *USArmy*.

Também a publicação de memórias pessoais, biografias e diários escritos em tempo por pessoas idosas que sabem dispor de um público leitor compreensivo e aberto, diferente de décadas anteriores. Em *Os soldados de Vargas*, por exemplo, Dennison de Oliveira lembrou os descendentes de alemães que, apesar da perseguição sofrida como “Súditos do Eixo” após 1937, serviram à pátria onde nasceram. Em *Os soldados de Hitler* o autor deu voz aos veteranos brasileiros da Segunda Guerra que, por estarem na Alemanha, foram preparados e convocados para a guerra.

Quanto a memórias pessoais, desde a Unidade Alemã, muitas foram escritas e editadas, algumas até traduzidas no Brasil sendo que há um fórum de publicações e debates

sobre traumas herdados pelos descendentes^V. Antes da Reunificação, fugas do leste alemão, estupro contínuos, violência dos aliados, saques, roubos e mortes contra os refugiados, mal eram tratados nem havia espaços públicos para debatê-los. Eram vergonha, ressentimento, tabu, cujas dores psíquicas foram minimizadas com esquecimento forçado, excesso de trabalho, bebidas alcoólicas ou medicamentos antidepressivos.

Afinal, quinze milhões de alemães (cerca de dois milhões sucumbiram) fugiram dos soviéticos no último outono/inverno da guerra ou terminaram de ser expulsos por tchecos e poloneses após a derrota incondicional da Alemanha. Os primeiros, famintos, enregelados, caminharam a pé, puxavam carrinhos de bebê com trastes, enquanto carroças com provimentos e transportando idosos e doentes, eram puxadas por cavalos. Pesarosos, percorreram centenas de quilômetros desde a Prússia Oriental e do leste alemão - história silenciada durante décadas...

O torpedeamento da embarcação Gustloff lotada de refugiados vindos da Prússia Oriental por submarino soviético em 30 de janeiro de 1945, foi maior tragédia marítima em tempos belicosos. De 10.000 passageiros, inclusive centenas de soldados feridos, morreram mais de nove mil, dos quais metade, bebês, crianças e adolescentes (cerca de 1500 mortos no Titanic, o maior naufrágio em tempos de paz). Mas durante décadas mal se podia mencionar a violência soviética perpetrada contra a população civil austro-alemã e húngara, principalmente mulheres e crianças. Muitas faleceram devido a maus tratos, doenças, fome ou epidemias, mesmo assim, como afirmou um dos sobreviventes do naufrágio:

Na verdade, diz ele (Heinz Schön) sua geração tinha a obrigação de registrar o sofrimento dos fugitivos da Prússia Oriental: os êxodos no inverno em direção oeste, a morte em dunas de neve, a agonia abjeta na beira da estrada e em buracos de gelo, assim que a baía congelada de Frisches Haff começou a se partir devido aos bombardeios e sob o peso das carroças puxadas por cavalos, e apesar disso, cada vez mais pessoas da cidade de Heiligenbeil, temendo a vingança dos russos, seguiam por extensões nevadas sem fim... Fuga... A morte branca... Nunca, afirma ele, devíamos ter nos calado sobre tanto sofrimento, deixando esse tema proibido para as pessoas envolvidas com a direita, só porque nossa própria culpa era indiscutível e a confissão de arrependimento ficou em primeiro plano em todos aqueles anos. Uma omissão imperdoável...^{VI}

Recentemente, seguindo instruções do terapeuta, uma senhora narrou suas memórias e publicou-as. Ela baseou-se em um velho caderno onde, seguindo instruções da mãe que não conseguia conversar o tema com ela, aconselhou-a a escrever sobre os estupro contínuos que sofreu durante a fuga. Desde então, sua psique afetou o corpo, pois nunca mais voltou a ter o ciclo menstrual e mesmo em idade avançada, continuava magérrima. Emocionalmente teve problemas em nos raros relacionamentos preferiu devotar-se aos estudos e à carreira como grande pesquisadora na área das ciências exatas. Ou seja, o trauma fez com que suprimisse a capacidade humana de manter vínculos afetivos.

Sob domínio do Exército Soviético

Condessa Marion von Dönhoff, filha de antigo nobre cuja família von Dönhoff que há séculos emigrara para a Prússia Oriental, nasceu durante o Império alemão (1909) e vivenciou o campo com seus costumes e deveres ancestrais. Uma das muitas retirantes do leste alemão, fugida das tropas soviéticas e que, apesar de chegar só com a roupa do corpo, tornou-se jornalista famosa em Hamburgo. Em 1988, pouco antes da Queda do Muro, ela publicou *Kindheit in Ostpreussen* em que narra lembranças da infância, mas que se estendem até a vida adulta.

Ela recorda-se da 2ª. Guerra Mundial, com os irmãos no front e ela, como mulher, na administração da fazenda e da súbita fuga, ordenada pelas autoridades nazistas, diante da chegada das tropas soviéticas. Sob temperaturas gélidas, a condessa cavalgou rumo ao oeste em meio a milhares de retirantes nas estradas principais, entre carroças, carrinhos de bebê, bicicletas. Vez por outra passavam tanques e carros oficiais da SS que empurravam pessoas e veículos para a beira das estradas, derrubando-os nas valas. Marion tentou atalhos pelo campo que por falta de uso estavam cobertos de neve e dificultavam o passo do cavalo:

Havíamos verificado em nosso mapa que era perfeitamente possível seguir para o oeste por estradas secundárias, esquivando-nos assim do fluxo de refugiados que avançavam apenas dois, no máximo três quilômetros por hora. Havia horas que passávamos mais tempo parados do que em movimento. Isso acontecia sempre que havia uma cidade adiante, na confluência de estradas laterais ou quando um carro quebrava.^{VII}

Ela rumou para o oeste, atravessou os grandes três rios do vasto leste da Alemanha até chegar a uma região relativamente segura. Esperava que, ao atravessar a ponte sobre o primeiro rio, o Vístula, poderia descansar, mas surpreendida pela continuada fuga de civis, camponeses e cidadãos, rumou à outra margem do Rio Oder (hoje fronteira alemão-polonesa). Ao saber que aquela seria Zona de Ocupação Soviética, na condição de nobre, decidiu atravessar o Rio Elba; meses após a partida, chegou finalmente em Colônia, às margens do Rio Reno.

Anônima. Uma mulher em Berlim é de grande primor literário, misto de narrativa nua e crua realista, mas expressa de forma sinceramente em poética. A autora dominava línguas como francês, inglês, e um pouco de russo e trabalhou em editora até que o prédio sofresse bombardeios e o dono fugisse de Berlim... Seu relato pungente, publicado na Suíça alemã, foi traduzido para diversas línguas, uma vez que apresentava a dura realidade das mulheres alemãs ao final da guerra e durante a ocupação dos aliados. Mas ela não pode compartilhar o sofrimento com milhões de mulheres alemãs daquela época, sofreu forte censura na Alemanha Ocidental. Em plena na sociedade conservadora dos anos de 1950, seu relato pessoal sobre fome, miséria, estupros e sujeira, ofendia a “virtude das mulheres alemãs”. Depois deste fracasso editorial, ela só autorizou a sua publicação na Alemanha após a sua morte e como anônima, uma lástima, pois além de bem escrita, é uma obra de consciência feminina:

Percebo, nestes dias, repetidamente, que o meu sentimento com respeito aos homens, o sentimento de todas as mulheres, se modifica. Eles nos dão pena, nos parecem tão miseráveis e débeis. O sexo frágil. Sob a superfície, prepara-se entre as mulheres uma espécie de desilusão coletiva. O mundo nazista, dominado pelos homens, glorificador do homem forte, desmorona - e com ele, o mito “homem”. Em guerras anteriores, os homens podiam exigir para si o privilégio de matar e morrer pela pátria. Nós, mulheres, temos hoje parte nisso. Isso nos transforma, torna-nos audaciosas. No fim dessa guerra, ao lado de muitas outras derrotas, também se encontra a derrota dos homens na condição de sexo.^{VIII}

Ao final do conflito, a realidade nua e crua de mulheres abandonadas pelas autoridades nazistas que debandaram e as largaram sob opressão estrangeira. Além de lutar pela sobrevivência diária, elas ficaram sujeitas ao frio, à falta de transportes, combustíveis, água e comida. Com a chegada de tropas soviéticas, a caça a mulheres e o estupro. Na extrema fome e miséria, muitas cederam o corpo esquelético por batatas podres, um pão, ou até vodka para anestesiarem o sofrimento. Ela também critica em relação às autoridades, tanto

soviéticas quanto nazistas, mas em nenhum momento se faz de vítima - estóica, procurou sobreviver em meio ao caos e ainda ser solidária com as demais mulheres.

Guilherme, filho de pais alemães que emigraram após a Grande Guerra, escreveu as suas memórias: a infância no Brasil, onde nasceu, a adolescência na Alemanha nazista e durante a guerra, o retorno a vida adulta de volta ao Brasil. Constantino relata como estudou em regime integral em escola militar onde havia vários exercícios físicos - ginástica, natação, equitação, além de longas marchas com pesadas mochilas. Alunos acordados às duas horas da manhã para caminhar quarenta quilômetros durante a madrugada. Após retornarem exaustos para o alojamento, podiam dormir; ao menos nestas ocasiões eram liberados das aulas matutinas. E mesmo com a guerra já perdida para a Alemanha, em outubro de 1944 Constantino foi convocado para a guerra, junto com milhares de crianças-adolescentes em baterias antiaéreas:

O espetáculo infernal das noites de bombardeios, os estrondos, verdadeiros trovões dos nossos canhões, misturados com o sibilar, o ribombar e os estouros de bombas que caíam na vizinhança, o crepitar das fagulhas e das chispas espalhadas pelos bastões incendiários, as chamas de mais de dois metros que saíam dos canos em cada tiro, e os gases causticantes da pólvora que provocavam lágrimas nos operadores de instrumentos ópticos e penetravam nos pulmões, tudo isto não nos deixava pensar no perigo da vida em que nos encontrávamos...^{IX}

Serviço cansativo e arriscado, em meio a muita fumaça e barulho e com alto risco de vida (em alemão, *Todesgefahr*, risco de morte, mais coerente do que em português...) para todos que atuavam neste arriscado local. Apesar do extenuante trabalho durante a noite, os jovens freqüentavam a escola de dia; mas que muitas vezes era fechada devido aos bombardeios aéreos dos aliados, com aulas repostas nos finais de semana. E como se não bastasse, nos últimos meses da guerra mais do que vencida pelos aliados, Constantino ainda foi enviado com outros milhares de jovens para o front do leste, na Prússia Oriental.

Com a invasão das tropas soviéticas, só lhes restava fugir em pleno inverno rigoroso, sob nevascas e sobreviver, apesar da fome, sede e do frio gélido. Como recorda em sua narrativa, apesar das armas pesadas que ainda fossem obrigados a carregar, o mais pesado era o estômago vazio. E mais, ao final ainda conseguiu escapar de virar prisioneiro dos aliados americanos. Retornou a pé para casa, habitável apesar das avarias, e com a cidade na zona de ocupação soviética, logo tratou de aprender russo...

Em *Também quero falar sobrevivente alemã relembra o III Reich*, Eleanor Stange Ferreira entrevistou a biografada de uma idosa que lhe relatou as peripécias uma jovem casada e cujo marido, fora convocado a servir na guerra, deixando-a grávida com o pai dela. Na sequência de bombardeios cada vez mais intensos, ela e o pai foram obrigados a migrar para o campo onde tem de se sujeitar à condição de “evacuados da capital”. Até o pior acontecer, a ameaça da chegada das tropas soviéticas ao campo, e não lhes restar outra solução a não ser juntar as tralhas e fugir junto com outros milhares, em meio ao terror das estradas, pois:

... as valas superlotavam de cadáveres, soldados e civis, inclusive mulheres e crianças, com camadas de cal por cima, jogadas recentemente e de qualquer jeito que deixavam ver suas expressões de susto, os olhos esbugalhados para o céu, à procura de algum ente divino que lhes explicasse a verdadeira razão de tanta insanidade. Os sobreviventes, vigiados por dois pelotões russos, pontilhavam a estrada e, de repente, o oficial parou uma carroça de poloneses dizendo-lhes: “*stoy*” (pare!), para que subíssemos enquanto eles lançavam-nos olhares hostis. Não era sem fundamento aquela hostilidade...^X

Também ela, apesar dos cuidados, não escapou das mãos da soldadesca soviética, enquanto sua amiga simplesmente apagou aquele momento de sua memória, um recurso para sobreviver ao sofrimento emocional e físico. Seu pai, já adoentado não sobreviveu ao longo percurso, a fome e frio, embora ainda fosse internado em um hospital, onde aceitou a morte como alívio para suas dores físicas e emocionais. Quando, enfim, Falk conseguiu chegar a Berlim, mal reconheceu a cidade, bombardeada pelos aliados ocidentais, destruída pelos tanques soviéticos nas últimas semanas da guerra.

Ela desviou de crateras imensas, mal reconhecia as ruas e prédios, encontrou seu apartamento no prédio avariado pelas bombas, mas no apartamento só uma parede pendia e as estavam vidraças quebradas. Seu bebê sobrevivera, graças à obstinação da mãe em conseguir leite junto aos camponeses ou mesmo água com farinha. Não tinham notícias do marido, se estava vivo, morto ou fora aprisionado até que um dia, ela atendeu a porta e lá estava ele, magro, roupas em frangalhos, mas novamente presente após tantos anos de ausência.

Ele Contou das decisões e ordens absurdas dos comandantes da SS ao final da guerra, quando esta já era perdida, o que só provocou mais mortes e sofrimento evitáveis. Aos poucos ambos reformaram a moradia catando, dos escombros, material necessário e levaram uma vida digna me torno do único filho que tiveram. Portanto, esta memória viva com sentimento do Tempo Presente confere-lhe sentido, pulsão, realidade que poucas fontes são capazes de propiciar. A narrativa ganha outra dimensão, mais humana e ainda mais quando inserida no contexto e sem o qual também estaria empobrecido.

Considerações finais

Recentemente, a brasileira Claudia Ehrlich Sobral lançou o documentário “Os fantasmas do III Reich” no Festival de Cinema Judaico no qual entrevistou descendentes de nazistas, como a sobrinha neta de Hermann Göring que, junto com seu irmão, foram operados para não ter filhos. Ou Bernd Wollschlaeger, filho de um oficial, mudou-se para Israel e se converteu ao judaísmo. Como a cineasta declarou à Folha de São Paulo: “Querida mostrar que esse conflito não é nosso. Nós não somos vítimas e eles não são vilões”, diz a cineasta que, depois do filme, voltou a Berlim com mais empatia com os alemães^{XI}. Logo, também cabe o historiador elaborar a história do ponto de vista dos indivíduos, de modo a conferir sentido ao leitor e à comunidade em que vive. Afinal, segundo Rüsen:

...os grandes historiadores, com efeito, que se distinguem por uma determinada sensibilidade para esse anseio e para as mudanças no horizonte experiencial de seu tempo, mas se caracterizam, sobretudo, por sua capacidade de interpretar essas mudanças por contraposição ao passado. É nessa transposição das expectativas e intenções quanto ao futuro para a experiência do passado que consiste, afinal, a função orientadora da história.^{XII}

Ou seja, de contribuir para a construção da identidade ao fomentar vínculos sociais, do sentimento de pertença a um lugar, para que todos reflitam e juntos ajam em prol do bem comum.

NOTAS

^I Professora de História Moderna e Contemporânea na Universidade Estadual de Londrina e colaboradora do LABIMI - UERJ. Doutorado pelo PPGHIS na UFF e mestrado pelo PPGHIS da UFRJ. Livros publicados: *Alemães no Rio de Janeiro (1815-1866)*, Bauru, SP: EDUSC, 2008 e *Francesco Guicciardini: o Renascimento da História*, Londrina, PR: EDUEL, 2004.

^{III} MOURA, Matheus, *A queda do Muro de Berlim*. São Paulo: Ed. Escala, 1989, p. 43.

^{IV} SERENY, Gitta. *O trauma alemão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 88.

^V <http://www.forumkriegsenkel.de>. Proposta do fórum também disponível em inglês.

^{VI} Ele relatou o fato para escritor, ele também do leste alemão, e assessorou Frank Wisbar na filmagem de *Die Nach fiel über Goterhafen*, lançado em preto e branco, no ano de 1959 na RFA.

^{VII} DÖHNHOFF, Marion von. *Minha infância na Prússia*. São Paulo: Editora 34, 1988.

^{VIII} ANONIMA, *Uma mulher em Berlim*. Rio de Janeiro, Record, 2008, p. 53.

^{IX} CONSTANTINO, Guilherme *A saga de um gaúcho obstinado*. Florianópolis: Editora Insular, 2010, p. 56-57.

^X FERREIRA, Eleanor Stange. *Também quero falar - sobrevivente alemã relembra o III Reich*. Canoas, RS: ULBRAPorto Alegre, Ed. AGE, 2007, p. 125.

^{XI} <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1132249-documentario-revela-os-fantasmas-que-descendentes-dos-nazistas.shtml> de 6 de agosto de 2012.

^{XII} RÜSEN, Jörn. *História Viva - Teoria da História III*, Brasília, Ed.UnB, 2007, p. 144.

FONTES:

ANÔNIMA. *Uma mulher em Berlim*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CONSTANTINO, Guilherme. *A saga de um gaúcho obstinado*. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

DÖHNHOFF, Marion von. *Minha infância na Prússia*. São Paulo: Editora 34, 1988.

FERREIRA, Eleanor Stange. *Também quero falar - sobrevivente alemã relembra o III Reich*. Canoas, RS, ULBRA; Porto Alegre: Ed.AGE, 2007.

BIBLIOGRAFIA

COURTOIS, Stéphane. *Cortar o mal pela raiz! História e memória do comunismo na Europa*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FRIEDRICH, Jörg. *Incêndio*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

- GRASS, Günther. Passo de Caranguejo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 65. MAC
MAC DONOGH, Giles. 2007. After the Reich. The brutal History of the allied occupation.
Philadelphia, PA, EUA: Perseus Books Group, 2009.
- MOURA, Matheus, A queda do Muro de Berlim. São Paulo: Ed. Escala, 1989
- RÜSEN, Jörn. História Viva - Teoria da História III, Brasília, Ed.UnB, 2007.
- SERENY, Guita. O trauma alemão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.